

A produção de dicionários bilingues através de um programa editor: O Dicionário bilingue Neerlandês-Português e Português-Neerlandês

M. Celeste Augusto
UiL-OTS / Universidade de Utrecht

0. Introdução

Este trabalho apresenta três partes: a primeira refere-se, sumariamente, a alguns antecedentes do projecto do Dicionário bilingue Neerlandês-Português e vice versa, que estão na base da sua concretização, a segunda trata da própria elaboração do dicionário e ainda das vantagens e desvantagens inerentes à produção de dicionários bilingues, por meio de um programa editor, e a última procura ilustrar sobretudo o ponto anterior. Os exemplos de entradas, que se apresentam, foram retirados do referido dicionário. Este encontra-se presentemente na fase final da sua elaboração, no Instituto de Linguística da Universidade de Utrecht¹.

1. Aspectos gerais antecedentes à elaboração do projecto

A não existência de um bom (ou pelos menos razoável) dicionário Neerlandês-Português e vice-versa, que possibilitasse uma aprendizagem capaz destas duas línguas foi sentida mais acentuadamente quando o número de alunos e/ou interessados por estes idiomas aumentou. Nas reuniões das Comissões Mistas, feitas por volta de 1986, com elementos dos Ministérios da Educação Holandês e Português, o projecto de um dicionário passou a ser ponto constante da agenda e todos se comprometiam a fazer tudo o que estivesse ao seu alcance, para que a ideia se viesse a concretizar. Contudo, foram precisos 12 anos para se iniciar a sua elaboração.

¹ Sobre o projecto do Dicionário Neerlandês-Português e Português-Neerlandês foi apresentada uma comunicação em Maio de 2001, em Lisboa, durante o Simpósio: Universo da Língua Portuguesa, realizado pelo Instituto Camões. Acerca deste mesmo projecto foi publicada uma breve notícia na revista *Bollettino dell'Atlante Linguistico Italiano*, III Serie, 23, 1999, pp. 199-206, e as *Actas da 1ª Jornada sobre o Ensino e a Investigação do Português – Língua Estrangeira na Flandres*, 2001, pp.17-24, apresentam um texto focando alguns dos seus aspectos. Se os dois textos anteriores se podem, de certo modo, considerar como um ponto de partida para o presente, registam-se, todavia, diferenças e mudanças significativas entre este e aqueles. Salientamos, nomeadamente, o facto de se ter seleccionado material lexicográfico novo e mais abundante, de se ter abordado o projecto na recta final da sua elaboração e de se ter procurado dar um papel de relevo ao processo de produção do dicionário.

Antes de se dar propriamente início ao projecto, um grupo de docentes e lexicógrafos de Amsterdão, Leiden, Groningen e Utrecht (em que colaborámos) debruçou-se, em 1995, sobre a viabilidade e modo de concretização de tal empresa. Destes trabalhos foi publicado, ainda nesse mesmo ano, um relatório (Augusto, 1995), tendo uma das suas conclusões comprovado a necessidade premente de elaboração de um dicionário maior e mais completo do que o já existente, mas não de aprendizagem, pelo menos de momento.

Em Junho de 1998, no âmbito das actividades do OTS (Instituto de Linguística da Universidade de Utrecht) o projecto arrancou, mas devagar. Neste momento, uma vez concluída a fase geral de tradução, o material traduzido para Português e para Neerlandês está ser submetido a uma revisão manual (e automática, quando possível), tão minuciosa quanto o tempo e orçamento disponíveis o permitem. Procura-se em particular, colmatar as falhas mais sensíveis no que se refere à macroestrutura e eliminar algumas inconsistências dentro das microestruturas².

Até ao presente, o projecto tem sido subsidiado pela Holanda e por Portugal; o lado holandês é representado pela Taalunie, um organismo holandês e belga, sediado em Haia, mais concretamente pela CLVV (Comissão para os Recursos Lexicográficos de Tradução) e o lado português, pelo Instituto Camões.

A equipa, que se encarregou do trabalho de tradução das duas bases de dados, foi constituída por 4 a 5 tradutores, 2 redactores principais e por mim própria, como coordenadora e responsável. Nenhum dos colaboradores trabalhou a tempo inteiro³ e fez-se o possível para que as duas línguas estivessem sempre representadas na sala de trabalho, pelo menos, por um falante nativo de cada uma. No momento, o trabalho de revisão acima mencionado está a ser levado a cabo por um redactor principal, por um tradutor e por mim.

Durante a fase de tradução, uma Comissão de Acompanhamento constituída pelos seguintes elementos: Professor Doutor Wiecher Zwanenburg, presidente e representante da CLVV, Professor Doutor Eugène Roegiest da Universidade de Gand, Doutor Fernando Venâncio da Universidade de Amsterdão e Licenciada Annemieke van Hoorntje, secretária da CLVV, reuniu-se regularmente para analisar e avaliar o andamento do projecto, relativamente à qualidade da tradução e à quantidade de entradas traduzidas.

² Estamos, porém, absolutamente conscientes de que a revisão não conseguirá ser exaustiva e de que haverá sempre aspectos a incluir e / ou a melhorar, ao nível da macro- e da microestruturas.

³ O número aproximado de horas semanais foi distribuído do modo seguinte: 72 para os tradutores, 32 para os redactores principais e 6 para a coordenadora.

2. A produção de um dicionário por meio de um programa editor

Partindo do Dicionário bilingue Neerlandês – Português e vice versa, nesta segunda parte, referir-me-ei à utilização de algumas ferramentas informáticas e de um programa editor, na produção de um dicionário bilingue. Assim sendo, começarei por fazer uma muito breve apresentação do referido dicionário. Os apêndices finais incluem partes de algumas entradas que ilustram diversas fases da produção.

2.1 O dicionário em preparação

1. Segundo o texto inicial do projecto, partir-se-ia de uma macroestrutura neerlandesa de cerca de 45.000 entradas, ao passo que a portuguesa não ultrapassaria umas 30.000; presentemente, a neerlandesa tem por volta das 50.000 e a portuguesa mais ou menos 39.000. Isto deve-se à introdução posterior de entradas, que se julgou indispensáveis. Esta discrepância, entre a quantidade de entradas das duas bases de dados, é devida, fundamentalmente, à estrutura morfológica característica das duas línguas em questão, no que se refere ao processo de formação de lexias compostas. Para ilustrar o que se acaba de referir, consideremos os exemplos seguintes: as unidades de significação neerlandesas **stofdoek** (pano do pó) e **theedoek** (pano da louça) ou **schuimbad** (banho de espuma) e **stoombad** (banho de vapor) foram indexadas em quatro entradas separadas, na parte Neerlandês-Português, enquanto as respectivas traduções ficaram dependentes, respectivamente, das entradas **pano** e **banho**, na parte Português-Neerlandês.

2. Estamos perante um dicionário bilingue, a ser usado principalmente como ferramenta auxiliar na tradução de neerlandês para português e vice versa. Trata-se, portanto, de “un dictionnaire à vocation générale”, como disse P. Bogaards (1990), e conforme foi aconselhado no relatório acima mencionado, e não de um dicionário de aprendizagem ou pedagógico, dirigido especificamente para o ensino de qualquer uma das línguas em causa.

3. De modo algum se tratou a variante brasileira de uma forma consequente. Esta foi contemplada muito grosso modo. Assim, a nível ortográfico foram consideradas algumas variantes do tipo **dezanove e dezenove, catorze e quatorze, acção e ação**. A nível semântico, por exemplo, na entrada **rapariga** virá assinalado o carácter pejorativo que esta palavra veicula no Brasil.

4. Muito embora não se trate de um dicionário de aprendizagem típico, como já acima se frisou, foram atendidos alguns aspectos específicos dos dicionários com características pedagógicas como: femininos e plurais irregulares de uso mais frequente do tipo *leão / leoa, cão / cães*, regência de certos nomes, como no caso de *desejoso de, ansioso por*, e regência e valência mais frequentes dos verbos, como em *emprestar a alguém*.

5. No interior da microestrutura, essencialmente na da base de dados portuguesa, os vários conteúdos semânticos da palavra, assim como alguns dos aspectos mencionados no ponto anterior foram, geralmente, ilustrados por meio de exemplos. Estes contextos frásicos procuram reflectir, tão fielmente quanto possível, a realidade linguística.

2.2 Os meios computacionais de produção

É algo impensável, no tempo presente, fazer estudos de léxico relacionados com corpora ou com bases de dados, sem recorrer à análise computacional facilitada pelas novas tecnologias da informação. Muito menos se se trata de produzir um dicionário. Os etiquetadores mórfico-sintácticos e os etiquetadores do tipo SGML⁴, na medida em que procedem a uma anotação convencional do texto, facilitam informação que vai permitir que esse mesmo material linguístico possa vir a ser manipulado por outros mecanismos computacionais e a constituir objecto de diferentes aproveitamentos lexicais e / ou lexicográficos. A implementação de programas etiquetadores com a possibilidade de ‘ler’ e ‘codificar’ corpora ou bases de dados lexicais e de permitir o tratamento sistemático dos mesmos casos tem tornado a prática lexicográfica bastante mais fácil em relação aos dicionários, quer monolíngues quer bilingues. No caso destes últimos, o facto de, além disso, se poder recorrer a um programa editor, capaz de reconhecer e interpretar todas as anotações feitas pelos etiquetadores, e que, desse modo, nos permite pôr em confronto e “ligar” duas bases de dados, apresenta-se cada vez mais imprescindível. Esta ligação / tradução feita ao nível do conteúdo semântico dos lexemas, que formam as bases de dados, tem de ser cuidadosamente manipulada, quando um dos intuitos do lexicógrafo é também procurar dar conta daqueles traços específicos próprios de cada língua.

Para a execução do projecto pudemos dispor do seguinte material⁵:

- 1 base de dados lexicais do neerlandês, *Referentiebestand Nederlands*, doravante **RBN**
- 1 base de dados lexicais do português, doravante **Verbo**⁶
- 1 programa editor chamado **OMBI**

As bases de dados acima referidas, para serem lidas / interpretadas pelo editor **OMBI**, foram ambas anotadas pelo etiquetador SGML, para que, uma vez submetidas ao mesmo tipo de codificação, pudessem vir a ser conectadas e trabalhadas correctamente.

OMBI é o acrónimo da designação neerlandesa **Omkeerbare Bilinguale woordenboeken**, literalmente “dicionários bilingues reversíveis”. Este programa editor pode ser visto como uma infra-estrutura interactiva que possibilita a manipulação de bases de dados lexicais, pois é “a device to guide, structure and correct input according to a predefined grammar” (Martin, 2002: 59).

O programa **OMBI**, baseado num princípio de reversibilidade, permite a ligação entre duas línguas ao nível das “unidades de significação” e não das “unida-

⁴ Standard Generalized Markup Language.

⁵ Embora o projecto tivesse sido apresentado para desde o seu início se poder trabalhar com as duas bases de dados lexicais, só cerca de ano e meio depois de iniciados os trabalhos, é que se conseguiu obter a base portuguesa.

⁶ Esta base de dados lexicais for cedida à CLVV pela Editorial Verbo.

des de forma”. Isto significa, como será demonstrado no esquema que se segue, que o que está em causa, no momento de elaboração de um dicionário bilingue, é fazer uma ligação entre a língua de partida e a de chegada ao nível do significado (da palavra ou da expressão) e não do significante, se quisermos recorreremos à terminologia clássica. Este aspecto facilita extremamente a elaboração dos dicionários bilingues, quando se pretende dar ao utente, não uma lista de simples traduções, mas segmentos de significação equivalente.

As noções teóricas subjacentes ao funcionamento deste programa editor, que podemos aproximar da posição de Cruse (1986) em *Lexical Semantics*, poderão ser sintetizadas do seguinte modo:

1. A unidade de forma (UF) representa o segmento como aparece no topo da entrada

2. A unidade lexical (UL) refere-se a cada um dos diferentes conteúdos semânticos que o referido segmento pode veicular

Disto se infere que:

a) Toda e qualquer unidade lexical depende de uma unidade de forma

b) A uma unidade de forma tem de corresponder pelo menos uma unidade lexical, podendo ser mais de uma

Cruse (1996:16) diz ainda que “the meaning of a word is constituted by its contextual relations”, do que resulta, que um lexema terá tantas significações quantos os contextos em que ocorre. Daí que nas microestruturas em apêndice, se tenham contemplado vários tipos de combinatórias.

As noções acima referidas, viabilizadas pelo OMBI, têm uma importância enorme no processo de tradução, uma vez que aquilo que se dá na língua alvo (ou seja, para a qual se traduz) é um equivalente da unidade lexical e não da unidade de forma.

A situação ideal para a produção de um dicionário bilingue, através de um programa editor do tipo do OMBI, é partir-se de duas bases de dados⁷, conforme se demonstra a seguir. Porém, um programa como o OMBI, que se baseia no princípio da reversibilidade, permite, à priori, que se possa fazer um dicionário bilingue dispondo de uma única base de dados. Ao ser produzida a tradução da língua A para a língua B, a anotação dos dados lexicais e a capacidade interactiva de OMBI permitem que, ao fazer-se a inversão, se obtenha uma base de dados orientada e traduzida no sentido de B para A. Esta situação por muito produtiva que seja, pode, no entanto, apresentar algumas desvantagens.

Quando se constitui uma base de dados lexicais, visando a produção de um dicionário, procura-se (ou deve procurar-se) seguir os seus traços específicos, sejam eles linguísticos ou culturais, como por exemplo: determinadas prioridades na

⁷ W. Martin (2002), com base nos princípios que regem OMBI e na capacidade interactiva, deste, desenvolveu um outro modelo, o Hub-Spoke Model, capaz de gerar X pares de dicionários bilingues.

ordenação das unidades lexicais, combinatórias lexicais e regências verbais, diferentes usos de alguns lexemas, certas sequências fraseológicas enquanto transmissoras de dados culturais, etc.

Partindo-se de uma única base e utilizando o princípio da reversibilidade, através do editor OMBI, à medida que se vai traduzindo vai-se também constituindo uma base da língua alvo; no entanto, o material que se obtém dependerá, de modo geral, das características da base de dados ponto de partida. Obviamente, há aspectos linguísticos e culturais que não poderão ser “enviados” para a língua alvo, e ter-se-á naturalmente de acrescentar o que falta e é essencial a esta última. Contudo, parece-nos, que o “espírito da língua” se perde e que é como se se tivesse uma base lexical *em segunda mão*.

Voltando à situação ideal acima referida. Quando se pode dispor de duas bases de dados ao traduzir-se ligam-se as unidades de significação, isto é, as unidades lexicais, que estão, ou não, dependentes de unidades de forma idênticas. Além disso, a ordenação das unidades lexicais pode não ser a mesma nas duas bases. Esta depende da prioridade que lhes é dada pelo sistema linguístico a que pertencem.

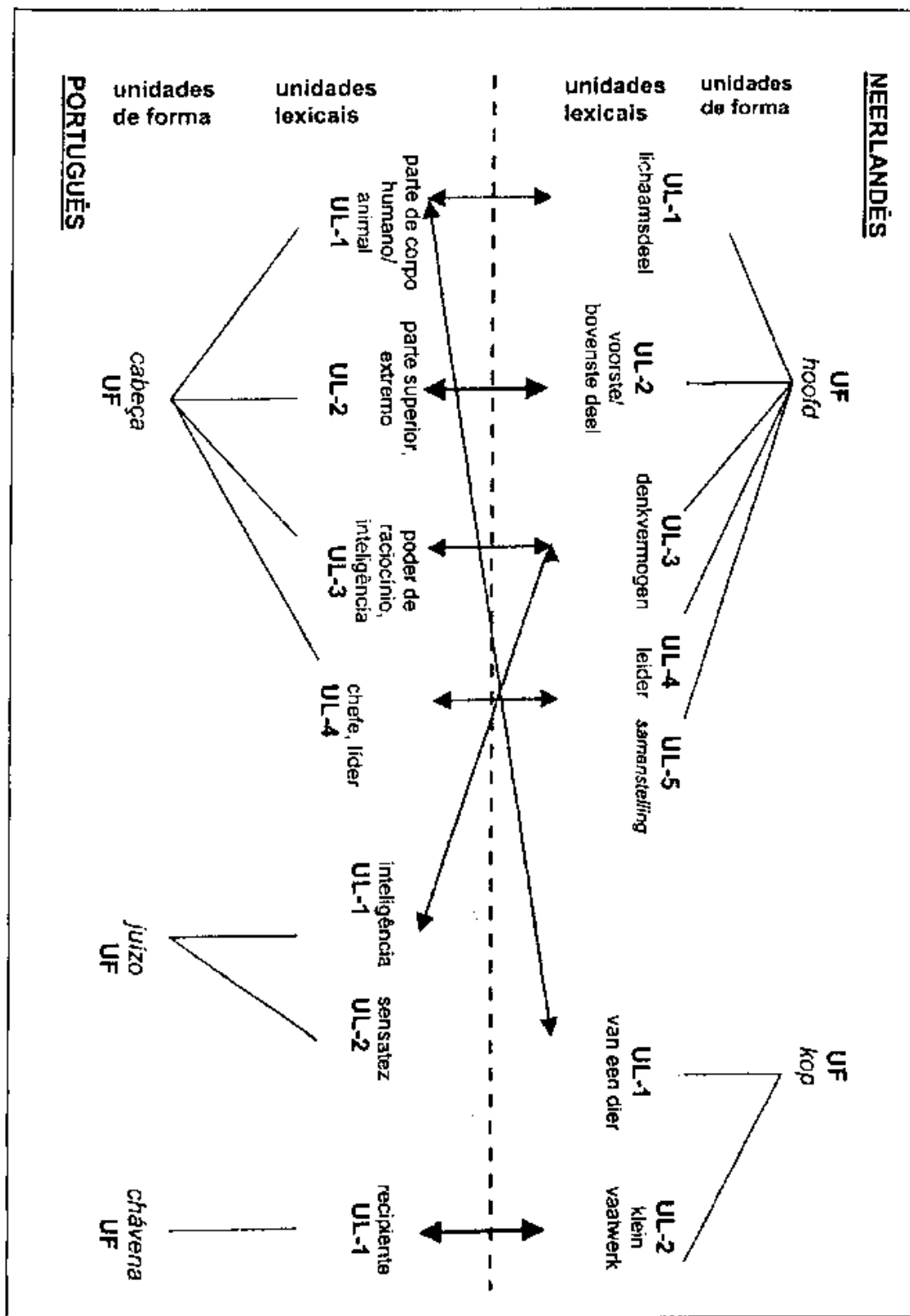
Apresentamos, na página seguinte um exemplo esquemático de um “link de tradução”.

Neste exemplo esquemático de tradução através de um link⁸, partimos da palavra neerlandesa **hoofd**, mais correctamente a sua unidade de forma, **UF**, e das suas diferentes significações, isto é, das suas unidades lexicais (**UL1...UL5**)⁹. Seguidamente procuraram-se os equivalentes portugueses para esses conteúdos semânticos o que levou a quatro unidades lexicais **UL1**, **UL2**, **UL3** e **UL4**, dependentes da **UF cabeça**; a **UL3** pode ligar-se também à **UL1** da **UF juízo**. Por sua vez a **UL1** da **UF cabeça**, no sentido cabeça de animal, deverá ligar-se à **UL1** da **UF kop**; esta, por sua vez apresenta, outra unidade lexical, **UL2**, que se liga à unidade lexical portuguesa **UL1**, dependente da **UF chávena**, e assim por diante. Assim, como se vê, a ligação entre as duas bases de dados fez-se ao nível das unidades lexicais, isto é, ao nível das diversas significações veiculadas pelas unidades de forma. A operação acabada de descrever baseia-se nos princípios acima referidos (Cruse, 1986), que repetimos:

- a uma unidade de forma pode corresponder uma ou várias unidades lexicais
- toda a unidade lexical depende de uma unidade de forma
- a tradução far-se-á sempre a partir da unidade lexical e não da unidade de forma

⁸ A ordem das UL dada neste exemplo de link não corresponde à ordem apresentada no interior da entrada das palavras do futuro dicionário.

⁹ A UL5 corresponde às palavras compostas em cuja formação entre o segmento **hoofd**.



2.4 Microestruturas

Seleccionámos as entradas **hoofd e cabeça** (em apêndice) que ilustraram o link de tradução acima apresentado. Como se pode verificar, as entradas estão divididas segundo os diferentes conteúdos semânticos veiculados. Além disso, os diferentes exemplos procuram representar combinações lexicais e regências que servem cada um dos conteúdos semânticos. As microestruturas, que aqui se apresentam, são de dois tipos, a saber:

1- um é retirado de uma base de dados lexical constituída para elaborar um dicionário, neste caso do RBN (Referentiebestand Nederlands) e da Editorial Verbo

2- o outro é feito durante uma operação de tradução e utilizando o princípio da reversibilidade de OMBI (switch)

Comparando as entradas do RBN e da Verbo com as entradas constituídas através do OMBI, verifica-se nestas últimas, entre outros, a existência de lacunas quanto a certos sentidos da unidade de forma, a falta de critério e / ou concordância na ordenação das unidades lexicais e uma insuficiente inclusão de possíveis combinações. Assim e apenas como exemplo, atente-se na ordenação arbitrária das unidades lexicais da entrada **cabeça**, produzida por um switch, e nas da Verbo, que partem do mais concreto para o mais abstracto; além disso, estas últimas apresentam uma discriminação semântica mais detalhada.

Chama-se a atenção para o facto de estas entradas representarem fases diversas, mas de modo algum concluídas, da elaboração do dicionário.

4. Nota final

Esperamos ter dado uma ideia, embora sucinta, do processo de elaboração de um dicionário bilingue como o que está a decorrer.

Em relação à segunda parte, e sobretudo quanto ao uso do programa editor, poderemos concluir do que foi dito que, tendo em conta aspectos lexicológicos e lexicográficos, haverá vantagem em trabalhar com duas bases de dados, constituídas à parte e de acordo com a natureza do sistema linguístico e cultural que representam, pois só assim se respeitará a essência própria da língua. O uso de duas bases de dados, que procurem seguir e ilustrar os traços específicos da língua e da cultura¹⁰ que representam, permite manter a individualidade e essência próprias desses sistema linguístico. Deste modo, haverá um maior equilíbrio entre as duas partes, na medida em que a natureza dos dois idiomas¹¹ parece estar assegurada.

Parece evidente que as noções encontradas em Cruse e aplicadas na elaboração deste dicionário (ou de outro qualquer) contribuem para uma clarificação da tarefa do lexicógrafo – tradutor, que é de traduzir as significações ou unidades lexicais e

¹⁰ Tomaszczyk (1983) chama particularmente a atenção para o vocabulário “especificamente cultural”.

¹¹ O facto de se trabalhar com o Neerlandês e o Português, duas línguas pertencentes a grupos linguísticos diferentes e a duas culturas relativamente afastadas, acentuou a necessidade de elaborar este dicionário partindo de duas bases de dados e não de uma só.

não a forma dos lexemas. Isto leva também, entre outros, a uma individualização e exemplificação dos sentidos das palavras que se coaduna com a necessidade de alargamento de vocabulário do aprendente de uma língua segunda. Deste modo, embora não sendo um dicionário de aprendizagem típico, este tipo de microestrutura contribui para a aprendizagem de uma língua. Se nos dicionários de aprendizagem toda a informação é explícita, tal não acontece nos dicionários de que aqui nos ocupamos. Nestes a informação passa implicitamente por meio da individualização do conteúdo semântico dos lexemas, dos regimes de certos verbos, flexão de alguns nomes e através dos exemplos de construções sintácticas, indicadores culturais, modos de conceptualizar, etc. Assim, traduz-se “veertiendagen” (= catorze dias) por “quinzena”, mas não se diz porquê.

Finalizo chamando a atenção para o facto de que este produto lexicográfico se dirige às duas línguas. A informação, veiculada pela estrutura e composição das entradas, destina-se ao utilizador holandês e português, quer na codificação quer na descodificação das duas línguas.

Bibliografia

- Augusto, M.C. et al. (1995) *Towards a database for general Translation Dictionaries and Bilingual Learner Dictionaries with special Reference to Dutch and Portuguese*. M.C. Augusto, P. Bogaards, P. Hannay, W. Martin, P. Slagter, F. Venâncio, H. Wekker, C. Wijne. Den Haag, CLVV.
- Augusto, M.C. (2001) “Alguns aspectos do projecto de dicionário bilingue Neerlandês-Português”. In *Actas da 1ª Jornada sobre o ensino e a investigação do Português – Língua Estrangeira na Flandres*, eds. M.Ribeiro & A.-M. Spanoghe, Gand, Academia Press, pp.17-24.
- Bogaards, P. (1990) “Deux langues, quatre dictionnaires”. In *Lexicographica*, vol.6, pp.162-173.
- Cruse, D.A. (1986) *Lexical Semantics*, Cambridge, University Press.
- Martin, W. et al. (1996) “Ombi: an editor for constructing reversible lexical databases”. Willy Martin & Anne Tamm. In *Euralex'96 Preceedings*, I – II, pp.675-688.
- Martin, W. (2002) “Lexicography, Lexicology, Linking and the Hub-and-Spoke Model”. In *De la Lexicologie à la Lexicographie / From Lexicology to Lexicography*, eds. F. Melka & M.C. Augusto, Utrecht, Institute of Linguistics OTS, pp.52-69.
- Tomaszczyk, J. (1983) “On bilingual dictionaries”. In *Lexicography Principles and Practice*, ed.: R.R.K. Hartmann, London, Academic Press, 1983, pp.41-52.

Apêndices

(Seguem-se partes de algumas entradas ilustrando diversas fases da produção; os segmentos acrescentados à base da Verbo estão entre parêntesis rectos)

1 – Hoofd /cabeça (entrada retirada do RBN)

- hoofd**, ¹ <RBN-noun> **1. (denkvermogen) cabeça**, <N> (general, neutral), *juízo*, <N>
 a. in het hoofd, (GC) “na cabeça”; b. iemand iets uit zn hoofd praten, (ID) “dissuadir alg. de fazer alg. coisa”; c. veel aan je hoofd hebben, (ID) “ter mais em que pensar”; d. iemand het hoofd op hol brengen, (ID) “pôr a cabeça (a andar) à roda a alg.”, “dar a volta à cabeça de alg.”; e. ergens je hoofd niet bij kunnen houden, (ID) “não conseguir concentrar-se em alg. coisa”; f. zich het hoofd breken over iets, (ID) “dar voltas e mais voltas à cabeça/uo miolo”; g. iets uit je hoofd laten, (ID) “tirar o pensamento /sentido de alg. coisa”; h. zich iets in het hoofd zetten, (ID) “meter alg. coisa na cabeça”; i. mijn hoofd loopt om, (ID) “nem sei para que lado me hei-de virar”; j. iets uit het hoofd leren/kennen, (ID) “aprender/saber de cor”; k. het hoofd vol hebben van iets, (ID) “estar sempre a pensar na mesma coisa”, “estar sempre a matutar na mesma coisa”; l. mijn hoofd staat er niet naar, (ID) “não estou com disposição para isso”, [...]; m. het hoofd verliezen, (ID) “perder a cabeça/o juízo”.
- hoofd**, ² <RBN-noun> **1. (leider)**, [synoniemen: baas, chef] *cabeça*, <N>, *líder*, <N>, *chefe*, <N>
- hoofd**, ³ <RBN-noun> **1. (lichaamsdeel)**, [synoniemen: kop] *cabeça*, <N>
 a. het hoofd schudden, (LC) “abanar a cabeça (em sinal de negação)”; b. je hoofd stoten, (LC) “bater com a cabeça”, [...]; c. zoveel hoofden, zoveel zinnen, (proverb) *cada cabeça, sua sentença*; [...]; g. de hoofden tellen, (ID) “contar as cabeças”; h. geen haar op mijn hoofd die eraan denkt, (ID) “isso nem me passa pela cabeça”, [...]; j. een leven hebben als een luis op een zeer hoofd, (ID) “levar uma vida de lorde”, [...]; k. boter op je hoofd hebben, (ID) “ter culpas no cartório”; l. het hoofd boven water houden, (ID) *sobreviver*, <RBN-verb-intrans>, “manter a cabeça à tona”; n. het hoofd ontbloten, (ID) “descobrir a cabeça”; [...]; q. per hoofd van de bevolking, (ID) “per capita”, “por habitante”; [...]; s. een dak boven het hoofd hebben, (ID) “ter um tecto para se abrigar”; t. het hoofd stoten, (ID) “levar com a porta na cara”, *falhar*, <vi>; u. iemand voor het hoofd stoten, (ID) “ofender alg.”, [...]; v. iemand iets naar het hoofd slingeren, (ID) “atirar com as culpas a alg.”, “culpar alg.”; w. het hoofd in de schoot leggen, (ID) *desistir*, <vi>, *resignar*, <vpron>; x. iemands hoofd eisen, (ID) “exigir a cabeça de alg.”, [...]; y. met opgeheven hoofd, (ID) “de cabeça erguida”, [...]
- 2. (voorste/bovenste deel) cabeça**, <N> (general, pop)
 a. (ze zat) aan het hoofd, (GC) “(ela estava sentada) à cabeça”; b. aan het hoofd staan van iets, (ID) “estar à cabeça de”, *chefiar*, <vtr>.

2 a) Cabeça (produto de um “switch” partindo do RBN)

cabeça, ¹ <RBN-noun> 1. (parte superior do corpo humano) *bol*, <RBN-noun> (general, informal), *knikker*, <RBN-noun> (general, informal), *kop*, <RBN-noun> a. deitar as mãos à cabeça, (ID) “*met je handen in je haar zitten*”; b. rachar a cabeça a alguém, (ID) “*iemand de hersens inslaan*”; c. não cabe na cabeça de um tinoso!, (ID) “*hoe haal je het in je hersens!*”; d. abanando a cabeça em negativa, (FR) *hoofdschuddend*, <adj>; e. lavar a cabeça, (FR) “*je haar wassen*”; f. dar voltas à cabeça com, (GC) “*zich aftobben met*”; g. isso não me entra na cabeça, (ID) “*daar kan ik niet bij met mijn boerenverstand*”; [...]; i. ele/ela está passado/a da cabeça, (ID) “*hij/zij ziet ze vliegen*”; j. isso nem me passa pela cabeça, (ID) “*geen haar op mijn hoofd die eraan denkt*”; k. manter a cabeça à tona, (ID) “*het hoofd boven water houden*”; l. descobrir a cabeça, (ID) “*het hoofd ontbloten*”; m. deixar pender a cabeça, (ID) “*het hoofd laten hangen*”; 2. (parte superior) a. cabeça magnética/de leitura, (LC) *leeskop*, <RBN-noun> (computer, general, neutral); 3. (inteligência) *brein*, <RBN-noun> a. uma cabeça lúcida, (LC) “*een helder brein*” 4. (dirigente) a. cabeça de lista, (LC) <polit.> *lijstaanvoerder*, <RBN-noun>, *lijsttrekker*, <RBN-noun>, *kopman*, <RBN-noun> (general, belg, informal) § 1. isso custou muitas dores de cabeça *dat heeft heel wat hoofdbreken gekost* 2. não estás bom da cabeça? *mankeert er iets in/aan je bovenkamer?*

2 b) Cabeça (entrada retirada da Verbo)

cabeça, ² <N> 1. (em seres vivos) *hoofd*, <RBN-noun> a. cabeça, tronco e membros, (Verbo); b. levantar / baixar a cabeça, (Verbo); [...] [e. abanar a cabeça (em sinal de negação), (LC) “*het hoofd schudden*”; f. dar uma pancada com a cabeça, (LC) “*je hoofd stoten*”;] 2. (parte coberta pelo cabelo) a. pôr o chapéu na cabeça, (Verbo); [b. ter um tecto para se abrigar, (ID) “*een dak boven het hoofd hebben*”; d. cabeça rapada, (FR) *skinhead*, <RBN-noun>;] 3. (crânio) a. partir a cabeça a alg., (Verbo); “*iemand de schedel inslaan*”; [b. bater com a cabeça, (LC) “*je hoofd stoten*”;] 4. ([Med]) a. estar com / ter dores de cabeça, (Verbo); 5. ([Bot]) a. cabeça de alho, (Verbo); 6. *pop*, general, general, (extremidade) *hoofd*, <RBN-noun> a. cabeça do dedo, (Verbo); [...] e. (ela estava sentada) à cabeça, (GC) “*(ze zat) aan het hoofd*”; 7. ([Audio, Video]) a. cabeça de leitura / de gravação, (Verbo); 8. (como unidade) a. o almoço custou trinta euros por cabeça, (Verbo); [...] [c. contar as cabeças, (LC) “*de hoofden tellen*”;] 9. neutral, general, (<fig> juízo, [...]) *hoofd*, <RBN-noun> a. ter cabeça, (Verbo); [b. na cabeça, (GC) “*in het hoofd*”;] 10. neutral, general, (<fig> inteligência, talento) a. rapaz ajuizado e com cabeça, (Verbo); [...]; 12. neutral, general, (<fig> calma, [...]) a. estar sem cabeça para, (Verbo) (ID) “*iemand's hoofd staat er niet naar*”;

d. perder a cabeça/o juízo, (ID) “*het hoofd verliezen*”;] 13. *neutral, general*, (<fig> **lembrança**, [...]) a. passou-me pela cabeça, “*het schoot me door het hoofd*”;] 14. *neutral, general*, (<fig> **mente, ideia**, [...]) a. onde é que eu tinha a cabeça?, (Verbo); [...]; [c. dar voltas e mais voltas à cabeça/ao miolo, (ID) “*zich het hoofd breken over iets*”;c. meter na cabeça/no juízo, (ID) “*zich iets in het hoofd zetten*”;];15. *neutral, general*. (<fig> **pessoa muito inteligente**) a. ser uma cabeça, (Verbo); 16. ([Jorn]) [...] 17. ([Desp]).

cabeça, ³ <N> 1. (**chefe, líder**) *hoofd*, <RBN-noun> a. ele foi o cabeça da revolução, (Verbo); b. estar à cabeça de. (ID) “*aan het hoofd staan van iets*” [...]

cabeça, ⁴ <idiom> § 1. pedir a cabeça de alguém “*iemand's hoofd eisen*”; 2. ter a cabeça a prémio 3. dar dores de cabeça a alguém 4. perder a cabeça por alguém 5. andar com a cabeça à razão de juro 6. atirar-se de cabeça [...] 12. dar na cabeça 13. não estar bem da cabeça 14. arriscar a cabeça 15. pôr a cabeça em água a alguém 16. cada cabeça, sua sentença “*zoveel hoofden, zoveel zinnen*”; [...] 20. fazer andar a cabeça à roda *iemand het hoofd op hol brengen*”; 21. duas cabeças pensam melhor do que uma “*twee weten meer dan één*”; 22. isto não tem pés nem cabeça “*dat slaat nergens op*”; 23. ganhar com uma cabeça de diferença *met een neuslengte verschil winnen*; 24. dar voltas à cabeça “*zijn geheugen pijnigen*”.

cabeça, ⁵ <loc adj> 1. **de cabeça perdida** a. estar / ficar de cabeça perdida, (Verbo); 2. **duro de cabeça**;) “*een harde schedel hebben*”; <loc adv> 1. **da cabeça aos pés** 2. **de cabeça** a. fazer contas de cabeça, (Verbo); 3. **de cabeça levantada / erguida**, “*met opgeheven hoofd*”; <loc prep> 1. **à cabeça de a.** à cabeça da lista, (Verbo).